



## DA GORDA AO PADRE: AS MARCAS DO ESTIGMA EM DOIS CONTOS DE *AMAR É CRIME*, DE MARCELINO FREIRE

**Antonio Caio Almeida Rosal** – caiorosal138@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, URCA, Crato, Ceará, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6232-126X>

**Edson Soares Martins** – edson.soares@urca.br

Universidade Regional do Cariri, URCA, Crato, Ceará, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-8375-960X>

**RESUMO:** Este breve estudo tem como objetivo realizar uma análise que investigue as relações entre personagens estigmatizados e os ditos “normais” presentes nos contos *Mariângela* e *Jesus te ama*, do livro *Amar é crime*, de Marcelino Freire. O autor se destaca no cenário da literatura brasileira não só pela escrita ágil, mas também pela sua capacidade de tornar visíveis, na sua obra, os personagens marginalizados do cotidiano brasileiro, bem como fazê-los capazes de intrigar e perturbar os órgãos sociais e os sujeitos que estão dispostos a tornar estes indivíduos desviantes do que é plenamente aceito socialmente. Para isto, são evidenciados narradores, discursos, conflitos e personagens, no intento de demonstrar como as marcas do estigma emergem na sociedade e como elas deterioram a identidade dos que por elas são acometidos. Assim, foram utilizados, primordialmente, conceitos teóricos presentes nas obras *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, de Erving Goffman (2008) e *Estética da criação verbal*, de Mikhail Bakhtin (2010). Por meio destes, buscamos entender e descrever analiticamente, respectivamente, como as relações que emergem do contato dos ditos normais e estigmatizados, tornam estes seres deteriorados e como os discursos ideológicos, repassados no meio desta interação, são capazes de interferir decisivamente durante este processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marcelino Freire; Estigma; Conto.

### 1 INTRODUÇÃO

No cotidiano brasileiro, é comum nos depararmos com as mais diversas manifestações de preconceito. Apesar de nos últimos anos um crescente número de pessoas buscarem o direito e a preservação do verdadeiro *eu*, a sociedade ainda costuma discriminar aqueles que fogem ao que ela estabelece como padrão. Podemos citar, como exemplo, o preconceito e os estereótipos que são relacionados às pessoas gordas e às pessoas homossexuais. Diariamente somos bombardeados com notícias que depreciam estes sujeitos marginalizados e que os colocam no patamar de “lixo da sociedade”. Dessas relações, é possível verificar um grande número de vozes que são silenciadas e estigmas que são contrastados quando tais sujeitos estigmatizados interagem com os indivíduos ditos *normais*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O emprego do termo “normal”, extraído do contexto em que Goffman o usa, não significa o endosso das compreensões normativas ligadas ao termo. Usaremos aspas para realçar, na palavra, o sentido de característica socialmente imposta, autoritariamente uniformizadora da diversidade humana. Nas ocorrências sem aspas, a ausência desses caracteres tem como objetivo não sobrecarregar o texto. Deste modo, recomendamos cautela ao leitor.

Não demoraria muito, então, para que a literatura como mecanismo mimético se apoderasse de tais “problemas”. Para Alfredo Bosi, por exemplo, o conto “tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo” (1975, p. 8). Neste sentido, Marcelino Freire pode ser citado como autor que busca um temário oriundo das relações contemporâneas dos sujeitos. Sua obra, composta majoritariamente de contos, é mais do que um lugar em que os excluídos podem aparecer, é uma fábrica de perturbações para os órgãos/grupos que tentam controlar as identidades alheias (MAIA, 2015).

Nesta direção, para construção deste artigo, nós escolhemos fazer uma análise das narrativas *Mariângela* e *Jesus te ama*, presentes na coletânea de contos *Amar é crime* (2010). Estes contam com um enredo regado de poesia e com uma escrita ágil, advinda das palavras curtas e fortes, roubadas do cotidiano brasileiro. Além disso, as histórias trazem as nuances comportamentais dos personagens, assim como os seus desencontros na sociedade, evidenciados pelo confronto com aqueles que os cercam (MARQUES, 2010). *Mariângela* narra a história de uma mulher obesa que sofre por carregar essa marca, enquanto em *Jesus te ama*, o enredo é voltado para um padre que é flagrado fazendo sexo com um rapaz e que, por isso, sofre represálias. Assim, somos levados a uma atmosfera ficcional que nos mostra representações de personagens estigmatizados, e, que, por esse motivo, precisam lidar com os entraves da construção do *eu* e com as tentativas de uma imposição (ou exclusão) identitária.

As narrativas, então, nos levam à necessidade de um aprofundamento para que se entendam melhor as condições dos sujeitos estigmatizados dentro da sociedade que carrega um discurso já enraizado pela dualidade do que é certo ou do que é errado, do bem e do mal, do bonito e do feio. Para conseguirmos alicerçar uma análise consistente acerca do nosso propósito, buscaremos amparo, primordialmente, nos estudos desenvolvidos por Erving Goffman em *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (2008), bem como na compreensão de discurso elaborada por Mikhail Bakhtin (2010). Trata-se, portanto, de entender como o discurso funciona atrelado ao estigma.

No primeiro item desse estudo, será explorada a classificação de estigma de acordo com o campo teórico desenvolvido por Goffman. Além disso, buscaremos evidenciar de que maneira este processo apresenta ramificações e pode estar ligado não só à aparência, como também à conduta.

Num segundo momento, já discutidas as concepções goffmanianas de nosso interesse, realizaremos uma relação entre as condições do sujeito *desacreditado* e do sujeito *desacreditável* (ambos característicos do estigmatizado) nos contos *Mariângela* e *Jesus te ama*. Intentamos, assim, evidenciar as características que os levam à condição de seres estigmatizados, como também a maneira como este fenômeno pode interferir na vida dos sujeitos que dele sofrem consequências.

## 2 ESTIGMA, PROCESSO DE FACILITAÇÃO E INÉRCIA

Ao nos direcionarmos à etimologia da palavra estigma, encontraremos sua relação com significados e usos distintos. O termo, originariamente grego, era uma referência aos sinais feitos nos corpos para marcar os escravos, criminosos ou pessoas a serem evitadas em espaços públicos. Anos mais tarde, durante a Era Cristã, o termo passava a carregar dois sentidos, um voltado para as marcas corporais relacionados a alguma graça divina e o outro ligado aos sinais decorrentes de alguma doença física (GOFFMAN, 2008). Por muito tempo, o termo estigma foi (e é) correlacionado com o sentido original da palavra, mas com os avanços da sociedade, os estudiosos viram a necessidade de se aprofundar e entender o real funcionamento da palavra dentro das civilizações.

Atualmente, com o apoio da sociologia, o termo ganha um novo sentido. O conceito de *estigma* passa a ser relacionado à situação em que determinado indivíduo, por apresentar alguma(s) marca(s) que o diferencia(m) dos demais, encontra-se incapacitado de ser plenamente aceito em sociedade. O termo estigma, aqui empregado a partir da leitura de Goffman (2008), é inseparável das relações mantidas entre as pessoas percebidas por meio de traços diminuidores de estima social e aquelas tratadas como normais. A diferença entre os sujeitos, considerada a partir do conceito de estigma, torna-se hierarquizante pelo fato de a sociedade estabelecer meios de categorizar as pessoas de acordo com traços e atributos marcados por valores diferentes. Nessa perspectiva, a categorização, determinada pelos ambientes sociais, permite que as pessoas com características semelhantes – “normais” – possam se relacionar sem a necessidade de realizar leituras particulares entre elas. Diferente processo ocorre quando há um contato de relação mista (entre os normais e os estranhos). Nessa situação, aqueles, a partir dos primeiros aspectos do outro, são capazes de prever, nestes, as categorias de pessoas e atributos vinculados às suas identidades sociais deterioradas.

As pré-concepções estabelecidas que se tornaram exigências, na verdade, funcionam não como uma espécie de questionamento, mas como uma afirmativa do que o outro deveria carregar na sua identidade social. Nessa perspectiva, o contorno teórico feito por Goffman (2008) divide a identidade social dos sujeitos em virtual e real. A distinção entre ambas se dá pelo fato de a *identidade social virtual* estar atrelada às nossas demandas pessoais, empenhadas em fazer pré-julgamentos (ou melhor, imputações do que ele deveria ser) aos indivíduos à nossa frente, enquanto a *identidade social real* são os atributos que o indivíduo diante de nós possui e é capaz de provar. Quando um

[...] estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. *Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande e constitui uma*

*discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.* [...] (GOFFMAN, 2008, p. 12, grifo nosso).

As divergências evidenciadas por essa bifurcação compõem a identidade social. Tais divergências são, em certo grau, prejudiciais, pois o sujeito que apresenta maior grau de diferença entre elas começa a ser excluído dentro de uma sociedade que exige semelhanças e que se nega a conviver com o diferente.

De acordo com Montalvão (2005), no processo de estigmatização, os elementos *conduta* e *aparência* são indispensáveis, uma vez que, por meio destes processos, as primeiras impressões são captadas na tentativa de estabelecer a identidade social de outrem. Tais constatações são desenvolvidas por Goffman, que discorre sobre o pensamento de que, diante de um indivíduo desconhecido,

[...] os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante ou, o que é mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados [...]. (1985, p. 11).

Para mais, são esses traços marcados pelos estereótipos que corroboram o avanço de uma estigmatização do outro. Aqui, o estereótipo, de acordo com Bosi (1992), passa a funcionar como um processo facilitador e de inércia, que se apodera da nossa vida mental e que nos faz recolher fatores do real e tratá-los de acordo com nossas experiências e cultura. Este processo facilitador, comum na sociedade contemporânea, parte de leituras que caem sobre recortes feitos, prioritariamente, por moldes aceitos socialmente e, por vezes, resulta em simplificações excessivas da sociedade (BACCEGA, 1998).

### 3 A GORDA, O PADRE E SUAS IDENTIDADES DETERIORADAS

Os contos de Marcelino Freire, analisados neste trabalho, desenvolvem a ideia de estereótipos. Vemos, assim, em *Mariângela*, a condição da mulher gorda, cercada por olhares que a julgam. Já em *Jesus te ama*, explora-se a posição do padre, costumeiramente associada a símbolo de castidade, flagrado fazendo sexo com um morador do lixão. Esses aspectos dados pelo narrador para os personagens estão em convergência com os estudos dos sujeitos *desacreditados* e *desacreditáveis* de Goffman (2008). Segundo o autor, o termo *desacreditado* faz referência ao estigma que é nítido, ou seja, quando as características diferentes do estigmatizado já são conhecidas ou são imediatamente reconhecidas pela sociedade. O sujeito *desacreditável*, por sua vez, é aquele que possui características divergentes do comum, mas que não são conhecidas e não podem ser evidenciadas de modo imediato.

No conto *Mariângela*, a personagem está nitidamente moldada pela condição de sujeito desacreditado, dado que toda atenção e julgamento se voltam para sua obesidade. A narrativa, no plano

estético, eclodiria sobre o aspecto social — estigmatização — do corpo; mais precisamente, o corpo de uma mulher gorda que se encontra atolada em um buraco e que está literalmente sob os olhares alheios:

A GORDA pesava 240 quilos. Mas parece mais. Porque o bombeiro chegou. Porque a gente chamou. E sobe e sobe. E estica o cabo. E nada de a gorda desencilhar, desatolar. Bem na hora do rango.

Sentiu-se tonta.

Aí o sol estava forte e a cabeça pesada. Arrastando tanta lembrança. Lembrava: quando era criança, a mãe blasfemando. Por que Deus foi mandar aquele demônio? Logo no seu quintal. Um bebê-cavalo. Um filhote de panda. Pelo menos se fosse um panda. Tão bonito que ele é, não é? Aquele que tem no zoológico. Aí o pai largou a banha. Para a mãe cuidar sozinha. (FREIRE, 2010, p.57).

A história de Mariângela é escrita sobre linhas que narram a vida de uma mulher gorda sempre rejeitada, que na lembrança carregava marcas dessas intolerâncias geradas ainda na infância e que, em determinado momento, explode toda a mágoa sobre sua mãe. Assim, procuramos alcançar, na narrativa, a condição de vida da mulher com o corpo gordo e o modo como ela é tratada socialmente, como sofre com a rejeição e como se realiza longe dos padrões estéticos do discurso que caracteriza o que é ser útil e o que é aceitável.

No campo teórico realizado por Bakhtin (2010), o discurso é visto como uma estrutura concreta. Isto se comprova, uma vez que este existirá, unicamente, na forma de enunciados concretos que pertencem aos sujeitos do discurso que os efetuam dentro das comunicações ocorridas na sociedade. Nesta perspectiva, este discurso concreto carregaria uma relação dialógica distribuída entre seus três elementos – conteúdo temático, estilo e construção composicional – uma vez que, “por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo *limites* absolutamente precisos” (BAKHTIN, 2010, p. 274).

Assim, toda pessoa que realiza um enunciado trará – voluntariamente ou não – alguma percepção presente em outro discurso. Ao nos ocuparmos dos discursos que emergem das interações sociais presentes no enredo do conto *Mariângela*, enxergamos o quanto estes são munidos de julgamentos/avaliações que deterioram e desacreditam a personagem principal.

As circunstâncias da personagem, imputadas pelo narrador, demonstram uma vivência marcada pelo desmoronamento de valores humanos. De início, já é perceptível a falência de um tratamento empático dispensado à personagem. O narrador utiliza como referenciais os traços físicos para apresentar Mariângela: “A GORDA pesava 240 quilos”. Além da marca na escrita, ele trata com precisão do aspecto físico — peso —, assim como fala um especialista. Esta direção, escolhida pelo autor, leva-nos a enxergar uma personagem sem referenciais humanizados, uma mulher sempre desprezada por todos. Nesse

sentido, aliás, destacamos que, apesar de ter conhecido um amor, Mariângela o tem interrompido por sua mãe, o que acaba culminando no esmorecer das próprias capacidades afetivas (KIFFER, 2006).

O narrador forma uma ligação, entre a mãe e a filha, construída pelo desprezo. Esta relação é configurada por meio de um sumário narrativo, em que Mariângela relembra o tratamento que sofria desde a infância: “Lembrava: quando era criança, a mãe blasfemando. Por que Deus foi mandar aquele demônio? Logo no seu quintal. Um bebê-cavalo” (FREIRE, 2010, p. 57). Há, em certa medida, uma quebra dos arquétipos convencionais ligados à figura materna, nos quais a mãe precisaria assumir o símbolo de proteção e amor incondicional (SANTOS; SANTOS 2017). Toda a descarga que a mãe libera sobre Mariângela parece estar impulsionada por algum fator de sua vida que deu errado. O narrador não aponta com clareza a razão de todo aquele desprezo, mas, como evidenciam várias correntes modernas da Linguística, há sempre um não-dito por trás do que é dito. Assim, ao retornamos para o trecho “Aí o pai largou a banha. Para a mãe cuidar sozinha” (FREIRE, 2010, p. 57), é possível que este abandono, sofrido não só pela filha, mas também pela mãe, justifique o comportamento desta. Não nos cabe aqui entender ou traçar um perfil psicológico das personagens, mas, para nos aprofundarmos na relação entre ambas, faz-se necessário este apontamento.

As relações abusivas, atribuídas ao perfil da mãe, castram Mariângela do contato de experiências positivas. Sem sombra de dúvidas, um elemento decisivo na construção da narrativa é a falta de amor. Nessa linha, é possível checar o momento em que a filha, ainda engolida pelo buraco, relembra o mais próximo que chegou daquele sentimento:

[...] Vamos ver na bolsa da gorda [...] Dali escapuliu um retrato [...] Seria seu namorado? [...] Ela que se lembra, deitada no asfalto: do Júnior [...]. Magrinho, seu primeiro amor, Júnior. E único [...]. Eram como dois peixes, azedos. Grudados no óleo. Salvos pela tarde. Se um largasse do outro, afundariam juntos. (FREIRE, 2010, p. 58).

“A gorda de sangue” recorda ainda de como sua chance de ser amada é interrompida por sua mãe: “O que estragou tudo foi a igreja. A mãe ordenou. [...] A senhora (mãe dela) separou o Júnior de mim [...]”. (FREIRE, 2010, p. 59).

Diluída nas lembranças passadas, fragmentado o corpo, ela se torna imensamente vulnerável ao ambiente (KIFFER, 2006). Esse corpo vulnerável, que é uma das características atreladas ao ser estigmatizado, é representado pelo narrador, de forma literal, no trecho em que Mariângela está em busca de seus pertences: “A minha bolsa, cadê? Bateram a carteira. Reviraram o seu sapato” (FREIRE, 2010, p.60). Considerando essas condições, é possível encontrar certas semelhanças com o conto *Uma vela para Dario*, de Dalton Trevisan. Dario caminhava por uma calçada, quando começa a passar mal, sendo vítima, aparentemente, de um ataque cardíaco. Cercado por uma multidão, que não toma nenhuma providência

eficaz de socorro, morre e acaba lesado por pessoas que estavam presentes: “Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.” (TREVISAN, 1991, p. 25). Nas ambientações das narrativas, o que ainda há em comum é o fato de as personagens, que povoam estes espaços, conseguirem se aproveitar das situações de vulnerabilidade dos protagonistas, furtando-lhes os objetos pessoais.

Um fator relevante no conto *Mariângela* é decorrente do modo como o narrador, no desenrolar do conto, utiliza uma voz que causa a degradação da personagem, sujeito desacreditado pela obesidade e pelo abandono afetivo. As falas da moça aparecem poucas vezes e são, quase sempre, voltadas a um passeio por lembranças frequentemente interrompidas por outras vozes. Além disso, a construção de Mariângela como sujeito é marcada por expressões que evidenciam a sua identidade deteriorada. Nas passagens “Uma orca na orla carioca. Natureza morta. [...] Qual seria o seu lugar no mundo?” (FREIRE, 2010, p. 60) e “Acorda, desgraçada. Sua Porca” (FREIRE, 2010, p. 60), as escolhas linguísticas feitas pelo narrador funcionam como classificações que refletem mais do que visões corpóreas incidindo sobre a personagem. Essas marcas de categorização emergem de uma personificação que confirma estereótipos sofridos pelo corpo gordo, que não se encaixa na sociedade, por ocupar um local marginalizado e sem funcionalidade na visão dos demais, o que se confirma em Goffman (2008), uma vez que, as pessoas normais inventam estereótipos que divergem dos atributos de determinados indivíduos e ocasionam a estigmatização. Assim, no entendimento do autor, o termo estigma “[...] portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo” (2008, p. 13) numa linguagem de relações e não de atributos em si. Ou seja, o fator causador para o estigma de Mariângela não é seu porte físico, mas sim o modo como aqueles que a cercam estão munidos de discursos de intolerância e de não-aceitação do diferente.

No campo teórico desenvolvido por Poe, está presente a ideia de que o conto deve possuir como ápice a realização de um efeito único e de grande singularidade. Por esse viés, é possível encontrar em seu ensaio *Filosofia da composição* (1960) uma retomada de seus estudos anteriores e a continuidade de tal percepção. No mesmo texto, o autor de *O corvo* argumenta que um dos primeiros passos a ser tomado pelo contista é sobre a escolha do efeito único: “Dentre os inúmeros efeitos, ou impressões a que são suscetíveis o coração, a inteligência ou, mais geralmente, a alma, qual irei eu, na ocasião atual escolher?” (POE, 1960). Assim, qual seria o possível ponto máximo da narrativa em questão?

Em *Mariângela*, esse efeito único é revelado no fim da narrativa. Mariângela é uma personagem que se afunda entre as faces do estigma, dado que a julgam como inumana por diversas vezes; assim, nós leitores, tendemos a apontá-la unicamente como sujeito que sofre por não ter estima no meio social. Contudo, surpreendentemente, o narrador nos mostra não só uma mulher estereotipada por sua constituição corporal, sua aparência física. Ele constrói sorrateiramente a psicologia, a constituição mais

interna, de uma mulher, que, por guardar tanto desprezo, somente reencontra o sentimento de alegria, que lhe fora muitas vezes negado, ao conseguir matar sua mãe. Fixando o foco na identidade de sujeito desacreditado pela aparência, o narrador despista os leitores, ao construir um desfecho cujo desenlace vem de uma motivação interna? Vejamos:

– Matei... aaaaaaa... velhosaaaaaaaaaaaa. [...] Predeu a mãe contra a parede. Como quem come. [...] A velha merecia. Por causa dela esta agonia. Tremenda. Esta alegria. Vitoriosa. (FREIRE, 2010, p. 62).

Pensando a partir de Goffman (2008), o comportamento de Mariângela seria mais um fator comprobatório do ser estigmatizado. O sujeito que carrega essa marca, ao entrar em *contatos mistos*, pode se cobrir de algum comportamento defensivo e, em vez de se retrair, “[...] o indivíduo estigmatizado pode tentar aproximar-se de contatos mistos com agressividade” (GOFFMAN, 2008, p. 27).

A realização do corpo gordo é então considerada desprezível, bem como a dos corpos que vivem à margem e estão desviados do ideal. Como ocorre na sociedade contemporânea, a obsessão pelo corpo magro acaba por transformar a gordura em um símbolo de falência moral. O gordo, mais do que carregar uma estética fora dos padrões pelo peso excessivo, leva consigo a marca da rejeição e o caráter pejorativo (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004). Vemos, portanto, que, na tessitura social, existem tentativas de impedir que o corpo gordo chegue à felicidade, ao amor e, mais do que isso, que sua aparência chegue à normalidade.

Já no conto *Jesus te ama* veremos uma narrativa em que o padre, por ocupar uma posição religiosa, procura sanar seus desejos de forma oculta, protegido dos julgamentos do meio social. Já no início do enredo, é possível encontrar um desleixo cometido pela personagem. Seus atos de satisfação erótica acabam sendo vistos por um policial que, automaticamente, começa a estigmatizá-lo. A tensão do flagrante emerge da descoberta do padre que transa com um jovem morador de rua. O rapaz, conforme observa Maia (2015), ao ser posto sob acusações, chora e se envergonha do ato, enquanto o sacerdote, mesmo passando pela mesma situação, abalado e com pensamentos em desordem, mantém a calma e suplica por uma bênção, esta concedida no desenrolar do conto, quando o policial opta por liberar os dois. A partir desse contexto, procuramos alcançar, na narrativa, a condição de uma personagem que, ao reconhecer sua condição homossexual desde criança, opta por ocultá-la, seguindo um caminho religioso e que aparentemente disfarçaria seus desejos/atos, mas, por um impulso, acaba deixando-os à mostra e finda estigmatizada.

O processo – estigmatização –, no conto, surge a partir da representação social de uma personagem que, como já evidenciado, pertencia a um grupo religioso. Estas “representações sociais são mais ou menos consistentes ou mais ou menos bem estruturadas segundo os conhecimentos, as

informações, ou seja, o universo sociocultural de que cada classe ou grupo dispõe.” (SIQUEIRA, 2013, p. 44). De acordo com a autora, esta definição pode convergir com os conceitos de Bakhtin acerca da enunciação (discurso concreto) e do dialogismo, em que a existência depende da avaliação do outro, para ser taxada como aceita ou não. Neste sentido, ela acrescenta que o discurso (englobamento do signo e da ideologia), quando compreendido, deixa de ser um elemento isolado e passa a pertencer a determinado grupo social. Desta maneira,

[...] toda comunicação, em todos os contextos e circunstâncias que se dá, é entretecida por uma “multidão de fios ideológicos”, dinamizando uma “criação ideológica ininterrupta”, constituinte de todo corpo social. As relações de produção e sua estrutura sócio-política são centrais para a compreensão dos fenômenos humanos, pois as tem como seus determinantes; são ainda caracterizadas pela dominação e desigualdade, ao menos no modo capitalista de produção. Logo, *toda comunicação parte de uma posição social específica que tenta defender sua visão de mundo em face de outras posições, o que lhe dá caráter ideológico*, não tanto por falseamento da realidade, mas por tratar-se de uma visão peculiar que é tomada como verdade. (MACHADO JUNIOR; CONSTANTINO, 2012, p. 107, grifo nosso).

Assim, dentro da narrativa, nós encontraremos comunicações que possuem cargas ideológicas e que estariam dentro das visões de mundo dos personagens. Não obstante, esse mecanismo funciona da mesma maneira que o processo de estigmatização. Os valores padronizados pelos grupos sociais precisariam ser mantidos por cada um de seus componentes no intuito de assegurar o “equilíbrio”.

Em linhas gerais, o enredo do conto *Jesus te ama* é construído a partir de uma parcela significativa de frases verbais e que, em grande parte, são curtas. Há, também, a presença de frases nominais que funcionam como interrupções de pensamentos e que estão frequentemente associadas à força do pecado, como nas passagens “*O redemoinho do demônio*” e “*O poder do inferno*”. Outro fator relevante está relacionado à presença do discurso indireto livre, como no trecho “*Cadê os amigos que não vêm? O bispo? [...]. Liquidado, reduzido a um terço, resmunguei um versículo. O poder do demônio. Estou perdido*” (FREIRE, 2010, p. 105-106, grifos nossos). Vale salientar que esses momentos são reveladores da sua agonia e do seu medo diante das interrogações e de uma possível exposição sobre seu desvio de uma conduta aceitável para a posição de padre. Nessa perspectiva, encontra-se na narrativa uma onisciência seletiva múltipla, uma vez que de acordo com Silva (2008), o que passa a ser relatado não surge por meio de um narrador, que, certamente desapareceu, mas originalmente dos pensamentos e impressões das personagens que fazem parte da estória.

Ao tomarmos essa direção, vemos, na narrativa, pontos significativos que demonstram a condição de estigmatizado, atribuídas à personagem central. É então, por meio da mistura de pensamentos e impressões que encontramos a dificuldade em se manter o equilíbrio entre as personagens, uma vez que

o policial (personagem *normal*), ao descobrir um atributo incongruente na identidade da personagem principal, começa a tratá-la de maneira diminuidora.

Como já mencionado, a análise dos contos parte dos preceitos de conduta e aparência. Por esta razão, o ponto forte encontrado no conto *Jesus te ama* está situado nas impressões ocasionadas pela conduta, que posteriormente caracterizam a condição do sujeito *desacreditável*. Para Goffman (1985), tais traços podem ser observados, uma vez que o mecanismo de impressão do outro passa a funcionar por meio dos atos e expressões dos presentes em determinados ambientes. Ainda de acordo com o autor, “o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes...” (1985, p. 9).

Dentro da narrativa, esses aspectos são vistos por meio das relações das personagens do policial, do morador do lixão e do padre. Este, que socialmente simboliza uma figura de autoridade social e que, para muitas pessoas, assume tal função por meio de uma compreensão da *atraente* voz de Jesus, na obra, permite-se ser aliciado pelo plano da desordem que o cerca, a voz *sedutora* do lixo. O acontecimento é mais preciso, pois a personagem, aqui *desacreditável*, que sagazmente desejava ocultar suas condições homossexuais e uma possível polêmica, é pega em flagrante fazendo sexo com um morador de rua. Esta ação é a chave principal para a determinação do sujeito *desacreditável*, o que pode ser comprovado a partir dos estudos goffmanianos feitos por Anjos (2000), uma vez que:

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente. (ANJOS, 2000, p. 276).

A teoria, então, segundo Miranda (2012), passa a confirmar a situação do padre como “menor”, como sujeito que foge não só das regras heteronormativas exigidas pela grande parcela social, mas também das condutas essenciais da sua posição religiosa. Assim, uma vez que essas condições são expostas, suscitando o confronto com o *normal*, veremos o quanto o julgamento e a estigmatização podem refletir sobre o ser humano.

Diferente do conto *Mariângela*, o conto *Jesus te ama* possui um ápice já no começo da narrativa. O flagrante se torna o fator que, possivelmente, prenderá a atenção do leitor. Após este episódio, o jovem e o padre são levados à delegacia e lá são interrogados. Neste momento, já é possível observar uma depreciação da imagem social do sacerdote. Esta marca é então evidenciada, quando o policial questiona:

O SENHOR é mesmo padre? O senhor não tem *vergonha*? Deus, rezei sempre. O mundo está acabado. O policial fez o sinal-da-cruz, quis levantar um sermão à minha frente. Não levantou-se. Meu coração está sujo. Blasfêmia, pecado. O redemoinho do demônio. O rapaz – a vítima, digamos – estava apocalíptico e cabisbaixo. (FREIRE, 2010, p. 105, grifo nosso).

Imediatamente a estigmatização começa a ser construída. O narrador, ao dar voz ao policial, começa então a se questionar como uma figura religiosa pôde se entregar a atos pecaminosos. Situação semelhante, mas exacerbadamente mais brusca, pode ser observada em *Terça-feira gorda*, de Caio Fernando Abreu. A narrativa, que denuncia a intolerância contra os homossexuais, aborda a história de dois jovens que se conhecem num baile de carnaval e acabam se entregando aos seus desejos sexuais. A ambientação, brilhantemente construída pelo narrador, acaba nos revelando o quanto o preconceito é enraizado na sociedade brasileira; mesmo numa festa conhecida por quebrar a tensão conservadora, os rapazes, quando avistados, acabam sofrendo violentas punições. Outro aspecto de destaque utilizado pelo narrador está relacionado ao momento em que ele metaforiza o uso de máscaras “[...] *pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscaras*”. A partir desse trecho, que nos leva diretamente à consciência do narrador personagem, podemos enxergar o quanto ele temia por estar realizando o seu verdadeiro *eu*, sem usar a máscara heteronormativa.

Nesta direção, é válido ressaltar que, segundo Goffman (2008), a condição do sujeito *desacreditável*, diferente da do *desacreditado*, permite que o indivíduo possa escolher entre exibir ou ocultar as marcas que o tornam estigmatizado. Ainda segundo o autor, o desejo de abandono pela própria identidade seria devido à existência de “[...] um interesse popular considerável nos esforços de pessoas perseguidas em adquirir uma identidade pessoal que não seja a ‘sua’ ou em se desvincular de sua identidade original [...]” (GOFFMAN, 2008, p. 68). No conto de Freire, é-nos repassada a imagem de um padre que desde pequeno reconhecia suas condições, mas opta por ocultá-las. Vejamos os trechos a seguir: “Quando pequeno queria tocar o corpo de Cristo. Esconjurou” (FREIRE, 2010, p. 107) e “O corpo de braços abertos [...] Não posso pensar. A delegacia me vigia” (FREIRE, 2010, p. 107). Não fica explícita a escolha pelo caminho religioso, mas é evidente o quanto ele utiliza desse fator na tentativa de apagar sua verdadeira identidade.

Já descoberto e taxado como sujeito *desacreditável*, o padre se aprofunda cada vez mais no padrão de um ser estigmatizado. São pontuais as passagens em que ele assimila a condição de ser humano desprezível. Como exemplo, relembremos, enquanto o problema não se resolvia, a maneira como seu pensamento envergonhadamente abalado com toda situação gritava “Liquidado, reduzido a um terço [...]”. Estou perdido. Um homem perdido. Um homem sem palavras” (FREIRE, 2010, p. 105-106). Esta tendência de se autodiminuir está diretamente ligada ao fato de o sujeito que carrega a marca incongruente ao seu meio incorporar traços e comportamentos dos grupos que apresentam certa homogeneidade.

Assim, a vergonha “[...] se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro” (GOFFMAN, 2008, p. 17).

Nesse jogo de *ambivalência* (buscar ser *normal*, mas carregar estigma), é comum que o indivíduo estigmatizado tente direcionar aos seus *pares* (também estigmatizados) as *atitudes* que ele recebe dos *normais*. Esta situação está presente no momento em que o padre busca justificar suas fraquezas: “Penso nos irmãos pelas esquinas, esqueletos sujos [...]. Se eu pudesse me salvar, se eu pudesse escapar. Mas não tem coisa pior que a sedução. A sedução do lixo” (FREIRE, 2010, p. 106). Há a presença de um raciocínio fragmentado, talvez, pelo poder de toda agitação causada pela situação. Contudo, é evidente que o narrador nos dá dados suficientes para chegarmos ao modo como ele estigmatiza o morador de rua. Uma interpretação possível é que o jovem, como morador de rua, pobre, seria o símbolo da tentação, o símbolo (*lixo*) do que é pecaminoso e desvirtua aquele que deve seguir uma ordem religiosa.

A confusão e insegurança impostas pela presença do *normal* trazem à personagem o sentimento de exposição. O resultado desse processo aparece no momento em que ele lança sua autoconsciência e equilíbrio sobre as possíveis impressões do outro. Assim, na narrativa, o padre, ao imaginar o que o policial poderia estar pensando, reflete: “O policial, é isso o que ele não compreende. Pensa: um padre é padre, é candidato a santo, está acima das fraquezas. Está para fortalecer os espíritos. Não posso. Não consigo. Pensei que tivesse vocação. Errei o caminho” (FREIRE, 2010, p. 107). A ocasião vai mais a fundo, a personagem estigmatizada percebe que o esquema escolhido para repassar uma imagem “coerente” está fragilizado. Esta sensação, segundo Goffman (2008), pode ainda desencadear outra, que é a de sentir seus menores atos sendo avaliados de maneira extraordinária. Tal circunstância pode ser observada quando o padre, ao refletir sobre o percurso que teria traçado até ali, lembra-se do detalhe, a semelhança com o corpo crucificado de Jesus, que despertou seu apetite pelo físico do rapaz, mas ligeiramente se retrai “Não posso pensar. A delegacia me vigia.” (FREIRE, 2010, p. 107).

Ao retomarmos a tentativa de transferência do estigma, deparamo-nos com um fator curioso desenvolvido pelo narrador de Freire. Vejamos um trecho em que nos é revelada a maneira como o morador de rua conseguiu seduzir o padre:

[...] Quando passei o rapaz me azucrinou. [...] *Entrou na minha alma como um vampiro. Rezo. Como um Cristo, meu Deus, não posso.* Certas imagens me ameaçam. Cristo e o seu corpo. Quando pequeno, queria tocar o corpo de Cristo. Esconjuro. O corpo perfeito. O corpo de braços abertos. Esconjuro (FREIRE, 2010, p. 107, grifos nossos).

Aqui, nós ficamos diante não só da descoberta dos desejos do padre desde a infância, mas de duas outras informações. O padre, ao culpabilizar o jovem, atribui a ele uma dupla personalidade de

caráter “não humano”. O morador de rua, então, não só é visto como uma força maligna que penetra a alma do padre, mas também é comparado à figura do bem, Cristo.

Não nos cabe aqui fazer um levantamento aprofundado sobre outras questões inseridas no conto, fora as convergências com o estudo sobre o estigma, mas é de suma importância levantar alguns aspectos para que possamos explorar melhor a narrativa. Nessa perspectiva, Maia (2015) evidencia uma plausível interpretação. Ao analisar o trecho sobre a saída dos personagens da delegacia, o autor avalia a equiparação entre personagens e figuras divinas por meio da escrita de Marcelino Freire. Vejamos:

A possibilidade de esse Senhor assumir a figura fantasmática de Deus é criada a partir da própria grafia da palavra, visto que quando o policial pergunta ao padre e quando o padre se pergunta se não tem vergonha, a palavra “senhor” se inicia com uma minúscula; já na última frase, “*Senbor*” é escrito com a primeira letra em maiúscula. No começo, a pergunta do policial: “*o senbor não tem vergonha?*” (p. 105); depois, o padre se pergunta: “*o senbor não tem vergonha?*” e a resposta, que sugere a própria comparação com a divindade, é: “*não, o Senbor não tem vergonha*” (p. 108).” (MAIA, 2015, p. 120-121, grifos nossos).

Assim, na interpretação de Maia (2015), esse acoplamento de uma visão erótica vinculada a figuras religiosas revela o quanto há de erótico na ideologia cristã. Acrescenta ainda que, ao nos mostrar que a linguagem escolhida pelo autor na construção de *Jesus te ama*, confronta não só as barreiras de uma sociedade regida por parâmetros heteronormativos, como também religiosos, uma vez que a relação entre as figuras divinas é reduzida a um sexo casual feito nos becos escuros da sociedade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundada nas representações dos personagens de cada conto, nós podemos refletir sobre como o *contato misto* entre pessoas “normais” e estigmatizadas pode desencadear uma série de situações que se materializam em preconceito e estereótipos. Seja na rejeição por pessoas obesas ou por pessoas homossexuais, ficam evidentes as interferências desqualificadoras que afetam as construções identitárias dos personagens. Nesta direção, encontramos, na narrativa, esses fatores incutidos em discursos que carregam preconceitos e ideologias facilmente reconhecidas em nossa sociedade.

No primeiro caso, vemos que o enredo presente em *Mariângela* é construído, como já visto anteriormente, mobilizando uma personagem considerada *desacreditada* e que sofre com as marcas do estigma desde a infância. No segundo, a narrativa de um sujeito *desacreditável*, que apresenta condutas discrepantes da sociedade heteronormativa e do grupo religioso ao qual pertencia. A afiada escrita de Freire nos leva diretamente a representações que são marginalizadas e silenciadas. A partir desse cenário, foi possível evidenciar que o estigma que transforma a identidade, que distorce e que diminui, parece ser

– e é – algo legitimado dentro da sociedade e que nos revela, nesses últimos tempos escuros de Brasil, uma semelhança bastante coerente com a realidade.

Vivemos em um país majoritariamente cristão. Esta marca faz emergir discursos e estigmas que deterioram a identidade da/na sociedade. Sendo a bíblia o refúgio e escudo dos “normais”, não seria diferente. O estigma da obesidade passa a ser relacionado com um dos sete pecados capitais – gula –, o que culmina na exclusão dos sujeitos singularizados por elas, impedindo-os de serem aceitos de forma plena. Não diferente ocorre com os estigmas dos homossexuais, pois estes são, em certa medida, mais condenáveis, uma vez que os preceitos da bíblia os consideram como criaturas abomináveis.

A partir de todo esse contexto, esperamos ter alcançado, na leitura dos contos, as deteriorações da identidade que o estigma é capaz de produzir, uma vez que, através de discursos e exigências aos que carregam tal marca, tornou-se perceptível certa alteração nos processos de performance identitárias das personagens. Mariângela, a gorda *desacreditada*, de tanto ser rejeitada, desenvolve a agressividade de uma assassina. Já o padre, ser *desacreditável*, além de abandonar o processo de aceitação e ocultar a sua verdadeira identidade, acaba assimilando os preceitos do grupo a que ele pertence e se compara, concorrendo e antagonizando com a figura de Deus.

## 5 REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Terça-feira gorda. *Portal Vermelho*, São Paulo, 06 de jan. de 2015. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2015/02/06/caio-fernando-abreu-terca-feira-gorda/>. Acesso em: 29 de dez. de 2019.

ANJOS, Gabriele dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. *Sociologias*, Porto Alegre, a. 2, n. 4, p. 274-305, jul./dez. 2000.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 13, p. 7-14, dez. 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975. p. 7-22.

BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 1, n. 32, p. 111-118, mar. 1992.

FREIRE, Marcelino. *Amar é crime*. São Paulo: Edith, 2010.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

KIFFER, Ana. Corpo, memória, cadeia: o que pode o corpo escrito? *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ, v. 8, n. 2, p. 263-280, jul./dez. 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2006000200008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2006000200008). Acesso em: 29 dez. de 2019.

MACHADO JÚNIOR, Luiz Bosco Sardinha; CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte. Possibilidades de diálogo entre o conceito de ideologia em Bakhtin e a teoria das representações sociais. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 1, n. 2, p. 93-111, dez. 2012.

MAIA, Helder Thiago. Sem-vergonhices, descaramentos e safadezas na obra de Marcelino Freire. *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 109-126, dez. 2015.

MARQUES, Ivan. Amor e sangue. In: FREIRE, Marcelino. *Amar é crime*. São Paulo: Edith, 2010, p. 11-15.

MIRANDA, Olinson Coutinho. Personagens *queer* nos contos de Marcelino Freire. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana, a. 6, v. 11, n. 11, p. 150-159, jan./jun. 2012.

MONTALVÃO, Stella. Representando o preconceito: o homem sem rumo de Salim Miguel. *Graphos*, João Pessoa, v. 7, n. 21, p. 191-200, jan. 2005.

POE, Edgar Allan. Filosofia da composição. In: POE, Edgar Allan. *Poesia e prosa*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 501-511.

SANTOS, Hildete Leal dos; SANTOS, Adelino Pereira dos. Entre Amélias e Cinderelas: representações femininas em contos da tradição oral. *REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS*, Campo Grande, v. 2, n. 16, p. 74-95, set. 2017.

SILVA, Marcel V.B. O olhar embaciado de Miguilim: Mutum (2007, dir. Sandra Kogut) e as estratégias cinematográficas de representação do narrador com onisciência seletiva. In: XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. *Anais* [...] São Paulo, ABRALIC, 2008. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/064/MARCEL\\_VIEIRA.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/064/MARCEL_VIEIRA.pdf). Acesso em: 29 de dez. de 2019.

SIQUEIRA, Sena Aparecida de. *Representações sociais da literatura e a confluência de ideias entre Moscovici e Bakhtin: um estudo com professores alfabetizadores no Distrito Federal*. 2013. 217 f. Tese (Doutorado em Literatura e outras artes). Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília.

TREVISAN, Dalton. Uma vela para Dario. In: TREVISAN, Dalton. *Vozes do Retrato: quinze histórias de mentiras e verdades*. São Paulo: Ática, 1991. p. 25-26.

VASCONCELOS, Naumi Antonio de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: O corpo gordo e a mídia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 65-93, mar. 2004.

**Title**

From the fat woman to the priest: the marks of stigma in two short stories of *Amar é crime*, by Marcelino Freire.

**Abstract**

This brief study aims to accomplish an analysis that investigates the relationships between stigmatized characters and the so-called “normal” characters present in the short stories *Mariângela* and *Jesus te ama*, from the book *Amar é crime*, by Marcelino Freire. The author stands out in the Brazilian literature scene not only for his agile writing, but also for his ability to make visible, in his work, the marginalized characters of Brazilian daily life, as well as making them capable of intriguing and disturbing the social entities and subjects who are willing to make these individuals deviate from what is fully accepted socially. For this, narrators, speeches, conflicts and characters are evidenced, in an attempt to demonstrate how the marks of stigma emerge in society and how they deteriorate the identity of those affected by them. So, theoretical concepts present in the works *Stigma: notes on the management of spoiled identity*, by Erving Goffman (2008) and *Aesthetics of verbal creation*, by Mikhail Bakhtin (2010) were used primarily. Through these, we seek to understand and describe analytically, respectively, how the relationships that emerge from the contact of the so-called normal and stigmatized, make these beings deteriorated and how the ideological discourses, passed on in the middle of this interaction, are able to decisively interfere during this process.

**Keywords**

Marcelino Freire; Stigma; Short story.

---

Recebido em: 14/05/2020.

Aceito em: 20/01/2021.